

A CULTURA INDÍGENA BRASILEIRA COMO REFERÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA COLEÇÃO FINAL

The Brazilian indigenous culture as a reference for develop a final collection

Engel, Chaiana Flores; Graduada; Universidade Feevale,
chaifloresengel@hotmail.com¹

Cezar, Marina Seibert; Doutora; Universidade Feevale, marinac@feevale.br²

Resumo: Este estudo objetiva trazer referências das tribos indígenas Cinta-Larga e Pataxó para a criação de uma coleção de vestuário feminino. Parte-se da pesquisa de campo e histórica, evidenciando sua arte corporal, ritos e símbolos na decodificação criativa como um manifesto cultural, para fundamentar o método de desenvolvimento das peças por meio, principalmente, de pinturas e de aspectos artesanais.

Palavras-Chave: tribo indígena; arte corporal; projeto de coleção de moda.

Abstract: This study aims to bring references fo Cinta-Larga and Pataxó indigenous tribes to creation a collection of women's clothing. Part of the field and historical research, showing his body art, rites and symbols in creative decoding as a cultural manifesto, to substantiate the method of development of the pieces by means mainly of paintings and handicrafts.

Keywords: Indian tribe; body art; collection fashion design.

Introdução

Esta pesquisa apresenta uma breve análise da tribo Cinta-Larga, povo que habita em Porto Velho/RO, destacando a cultura através dos costumes, ritos, símbolos e trajes, estas, fundamentadas pela arte do corpo. Juntamente com o embasamento literário para um projeto de coleção, tem-se a criação de dez *looks*, sendo desenvolvidos quatro deles para um desfile final da graduação em Moda da Universidade Feevale, pré-requisito do Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 2017/01.

¹ Graduada em Moda pela Universidade Feevale

² Graduada em Tecnologia em Moda e Estilo (UCS). Especialista em Cultura de Moda (Anhembi Morumbi/SP). Mestre em Moda, Cultura e Arte (SENAC/SP). Doutora em Ciências Sociais (Unisinos). Docente - Curso de Moda na Universidade Feevale.

Como justificativa, sabe-se que, mesmo com tantas adversidades, os povos indígenas tentam conservar suas tradições entre gerações. No Brasil, encontramos uma das maiores diversidades étnicas, sendo a Cinta-Larga, uma das tribos que está perdendo espaço. Já o objetivo deste estudo, é desenvolver uma coleção de vestuário baseada na arte indígena desta tribo, respeitando seus valores simbólicos. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, que como tal, visa oportunizar conhecimentos específicos, envolvendo interesses locais. Quanto ao método científico, esta possui caráter hipotético-dedutivo, que sugere o diagnóstico de problemas para a busca de conclusão. Pelas orientações de Prodanov e Freitas (2013), seu caráter é exploratório, pois visa oportunizar maior conhecimento sobre um tema, e para tanto, será utilizado três classificações do procedimento técnico, a saber: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, e a busca de alternativas para articular com uma pesquisa de campo, já que, devido as enchentes no período em que se estudava a tribo, optou-se pela visita na aldeia Pataxó, situada na Bahia, para coleta de informações espontâneas adquiridas pela observação e análise.

1. A tribo Cinta Larga

O nome Cinta-Larga foi adotado pela própria tribo e registrado pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2010), pelo fato de usarem uma larga cinta feita da entrecasca da árvore. Localizado no sudoeste da Amazônia brasileira, compreendendo parte dos estados de Rondônia e Mato Grosso. Conforme o Instituto Socioambiental (ISA, 2003), os Cinta-Larga pensam a sua distribuição tomando como eixo a direção em que correm as águas do rio Aripuanã e Roosevelt. Em vista disso, ocupam as terras indígenas Roosevelt, Serra Morena e Parque Aripuanã, que somam um total de 2,7 milhões de hectares.

Abreu e Silva (2015) explicam que a FUNAI, por pressão de ordem política e econômica, obrigou-se a demarcar as terras, e em 1990 definiu os territórios habitados pelos Cinta-Larga, devido a tribo estar situada em uma das maiores jazidas de diamantes. Neto (1991) complementa que os Cinta-Larga eram muitos, e as aldeias eram amplas. Mas brigavam e matavam entre si e por isso foram se terminando, além de que muitos contraíram doenças pelo contato com invasores de suas terras. Um estudo realizado por Moore (2005) ratifica que

mais de mil desses índios tem uma surpreendente conservação da língua da família Mondé do tronco tupi, que deu-se esse nome em referência a um respeitado cacique, que entrou em contato com a sociedade nacional na década de 1930.

Os Cinta Larga dedicam a maior parte do seu tempo no banho de rio, nos passeios e nas conversas, sendo a caça, a atividade dominante (ISA, 2003). Por isso, seus arcos e flechas caracterizam-se por serem os mais belos da região, acredita Bautz (informação verbal, 2016), destinando tempo para a confecção desses artefatos. Neto (1991, p. 127) explica que para a tribo, são “objetos preciosos, os caçadores tudo fazem para recuperar as flechas que disparam”. E sobre suas pinturas corporais, Neto (1991, p. 209) analisa, que eles pintam-se com jenipapo³, com inspiração em motivos animais ou vegetais:

Se já não vieram pintados, logo algum dos convidados promove uma sessão de pinturas corporais. Características das festas como também da guerra, são os desenhos com a tintura de jenipapo: com pouco rigor formal, representam motivos animais (onça, onça preta, jaboti, surubim etc.) ou vegetais (cipó).

Tais pinturas tem um valor também de sobrevivência. Elas tem o intuito de diferenciar os povos dentro e fora da tribo, como por exemplo, indica funções de cada um ou até mesmo, se a índia é comprometida ou não. Para o preparo destas tintas, rala-se a fruta com semente e após mistura-se ao pigmento. Os Cinta-Larga tem extremo cuidado com os desenhos pintados no corpo, pois cada tribo tem suas representações, que para eles são marcas de uma história. Conforme Kich (2000), para o artesanato se inspiram na natureza, cestos, adornos, braçadeiras, pulseiras e redes, fazem parte dos matérias criados:

Essas manifestações não são meramente estéticas, mas estão carregadas de uma profunda simbologia e fazem parte de um sistema de comunicação altamente estruturado e demonstram ainda o profundo conhecimento que esse povo possui sobre zoologia e botânica.

Nos rituais festivos, os Cinta-Larga enfeitam-se com palhas de buriti enroladas nos braços e nas pernas. São vestes coloridas, no qual, quanto mais

³ Fruto do jenipapeiro, uma árvore que chega a vinte metros de altura (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2016).

cor, mais alegria sentem, já que simula a riqueza da natureza, que para eles, simboliza a renovação, conforme o entrevistado Bautz (informação verbal, 2016).

Piucco (2014) fala que “Para os povos indígenas, a pintura de corpos tem uma importância significativa na cultura da comunidade: ela pode ser uma expressão de beleza – assim como a maquiagem ou a tatuagem”. Esse manifesto visual pode indicar posição ou status social dentro da comunidade. Para cada evento faz-se diferente arte, casamento, caça, ritual, funeral ou dia-a-dia. Diante do que foi posto, percebe-se que a cultura indígena pode ser inspiradora na moda. E é seguindo esse propósito que ocorre o desenvolvimento de uma coleção baseada nesses costumes.

2. Desenvolvimento de coleção

Com inspiração no estilista Libanês Jean Louis Sabaji, que tem como maior fonte de inspiração a natureza, foi criada a marca Chai Flores Engel, com base no *slow fashion* e *handmade*, com toques rústicos e tribais. O foco da marca é utilizar a inventividade na escolha dos materiais e na produtividade, buscando a contramão da produção de roupas em grande escala e de baixa qualidade. Seu fundamento é através da análise dos estilistas inspiracionais Jean Louis e Lino Villaventura.

A marca Chai Flores Engel, além de se posicionar no mercado *pret-à-porter*, define seu consumidor, pessoas que cultuam a arte. Sabe-se que a moda e arte podem andar juntas, conforme Muller (2000, p. 04):

Além das transformações dos quadros em meros objetos de decoração, ocorrem no século XX múltiplas ações e movimentos que provam o interesse recíproco entre os mundos da arte e da moda. As afinidades observadas visualmente correspondem a atitudes bem diferenciadas: repensar a vida por meio do vestuário, rever o sistema da moda, criar sinergias arte-moda para imprimir alma a indústria, enfim, empregar o vestuário como suporte da expressão artística. As novas atitudes transformam o status da arte e da moda.

Para Renfrew e Renfrew (2010), uma coleção é um conjunto de roupas ou acessórios para venda que são inspirados através das tendências, temas ou qualquer outra referência. Seivewright (2009, p. 16) fala que a pesquisa é fundamental para a criação de uma coleção, oportunizando o designer mostrar sua maneira de pensar e enxergar o mundo, o que é fundamental para

diferenciação no mercado. Aqui, a coleção proposta é desenvolvida para a estação Primavera/Verão 2018, contemplando o público-alvo feminino.

2.1 Pesquisa de referência

Com o objetivo de enriquecer as referências deste projeto, a autora viajou em busca de experiências. Visto que a tribo estudada situa-se em uma área onde no mês de dezembro à fevereiro há grandes cheias devido aos níveis do rio, a autora deslocou-se até a Reserva Pataxó da Jaqueira, situada em Porto Seguro, sul do estado da Bahia. O motivo foi por sugestão levantada nas entrevistas, já que os costumes dos índios Pataxó são semelhantes ao dos Cinta-Larga, como o uso de adornos, tais como os cocares feitos com penas de aves, lãs enrolados nas pernas, braceletes de palha, cintos de crochê com bordados de sementes como podemos ver na figura 1.

Figura 1: Índios da Reserva Pataxó Jaqueira



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Referente as pinturas corporais que os índios Pataxó usam diariamente, trata-se de uma forma de identificar-se na tribo e também manter a cultura. As pinturas se diferem em dias de guerra ou de festa, e até mesmo utilizam-as para identificar índias casadas e solteiras. Para Nitynawã Pataxó, umas das líderes da aldeia, “cada cor tem uma representação própria, como a cor amarela que representa o sol; o vermelho, o fogo; a cor marrom representa a terra; o azul significa o céu e o verde, a natureza” (PREDES, ZORZO, 2011, p. 04).

Diante disso, a marca Chai Flores Engel utiliza bordados em pedrarias, miçangas e pinturas feitas à mão, associando-se as gemas na reserva dos Cinta-

Larga. A coleção conta também com tule bordado em lã, remetendo as formas geométricas dos desenhos indígenas, e também o artesanal das índias, que fazem os cintos de crochê para compor a indumentária na aldeia dos Pataxó.

2.2 Tema de Inspiração

Nas palavras de Matharu (2011), o tema é uma espécie de argumento para uma coleção, para ser possível extrair elementos com apelo estéticos e também comercial para atrair consumidores. Um tema pode ser um filme, uma pessoa, um personagem, uma cultura ou qualquer inspiração pertinente.

Portanto, faz-se necessário dar um nome para o conjunto que será apresentado. A coleção denomina-se: Sobre[viver], que faz referência ao não deixar morrer a cultura indígena. O cuidado que um tem pelo outro e o trabalho em conjunto foi um ponto inspiracional para a elaboração de um elemento guia para a coleção. Esta, também traz a essência da natureza, visto que o material para o artesanato na tribo, é retirado dela. Evidencia a leveza, as pinturas, o afeto e as cores que vão compor a coleção. Na figura 2, pode-se observar parte do processo de desenvolvimento da coleção artesanal.

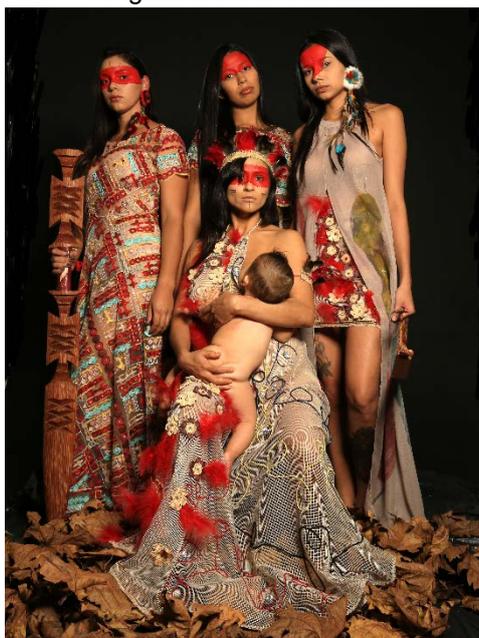
Figura 2: Desenvolvimento da Coleção Sobre[viver]



Fonte: Elaborado pela Autora (2017)

Por fim, tem-se a foto conceito, representada na figura 3, desenvolvida para a comunicação da marca com o público. Nesta, traz a cena de uma das índias amamentando que faz ligação com o nome da coleção e exala afeto e empatia. As demais, em posição de zelo. O fundo escolhido foi o preto, remetendo novamente cores da tribo e as pinturas nos dias de guerra.

Figura 3: Foto Conceito



Fonte: Dinara Dal Pai (2017)

Considerações Finais

A moda permite apropriar-se de distintas influências culturais na sua criação, que tem como objetivo perceber tais informações em produtos. No Brasil, há grandes diferenças culturais de um estado para outro, compostas por histórias diversas, com suas etnias, climas e costumes. Com toda essa diversidade, estilistas inspiram-se nessas riquezas pela via da brasilidade. Para o presente estudo, o intuito foi fornecer elementos de inspiração para criar uma coleção de moda.

Pode-se afirmar que as tribos indígenas brasileiras possuem grandes influências estéticas que caracterizam as criações para o *prêt-à-porter* para a marca Chai Flores Engel, por meio da utilização de técnicas artesanais, com tecidos bordados e rebordados com pedrarias, que variam entre sementes e cristais. A coleção conta também com pinturas feitas à mão, em tecidos leves como por exemplo a gaze.

A pesquisa literária e local, objetivou agregar não só valores científicos como também pessoais, afim de trazer a essência vivida e com isso transferir para a coleção desenvolvida. Assim, desenvolveu-se a coleção de moda sobre a temática estudada, que resultou em um trabalho enriquecedor, visto que atingiu todos os objetivos propostos pela disciplina de TCC.

Referências

ABREU, Fellipe. SILVA, Luiz Felipe. O garimpo ilegal numa das maiores reservas de diamantes do planeta. 27/09/2015. Folha de SP. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1686420-o-garimpo-ilegal-numa-das-maiores-reservas-de-diamantes-do-planeta.shtml Acesso em: 13 Set 2016.

BAUTZ, Edimar. Entrevista realizada no dia 26/06/2016, em Portão/RS.

FUNAI. Modalidade de Terras Indígenas. 2010. Disponível em: www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas Acesso em: 12 Ago 2016.

ISA – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Cinta-Larga: identificação e localização. 2003. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/cinta-larga/420>. Acesso em: 04 Ago 2016.

KICH, Evanir Ermetinda. O povo Cinta-Larga. 01/12/2000. Disponível em: www.luteranos.com.br/textos/o-povo-cinta-larga Acesso em: 22 Set 2016.

MATHARU, Gurmit. **O que é design de moda?** Porto Alegre: Bookman 2011.

MOORE, Denny. Classificação interna da família linguística Mondé. Estudos Linguísticos XXXIV, p. 515-520, 2005. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/journal:estudos/moore_2005_monde.pdf

MULLER, Florence. **Arte e Moda**. Tradução de Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão. São Paulo: Cosac e Naify, 2000.

NETO, João Dal Poz. **No país dos Cinta Larga: Uma etnografia do ritual**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). USP, 1991.

PIUCCO, Priscylla. **O Corpo como Tela: Body Art e Pintura Corporal**. 22/08/2014. Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br/body-art-pintura-corporal/> Acesso em: 08 Set 2016.

PREDES, Ianê de Alburqueque. ZORZO, Francisco Antonio. **Hamykahay – Expressão gráfica corporal Pataxó**. Graphica Rio 2011. Recurso eletrônico: <http://www.graphica.org.br/CD/PDFs/APLIC/APLIC11.pdf>

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013

SEIVEWRIGHT, Simon. **Pesquisa e Design**. Porto Alegre: Bookman, 2009.